

Sandra Araujo Lima Cavalcante



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Instituto Federal de Alagoas (IFAL)
sandra_araujolima@yahoo.com.br

Maria Inez Matoso Silveira



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
mimatoso@uol.com.br

A CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado realizada em 2010 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, cujo objetivo foi o de verificar em que medida a crônica contribuía para as práticas de leitura significativa nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, em duas escolas públicas e duas particulares, localizadas em cidade do interior de Alagoas. Os dados coletados permitiram verificar que, embora fosse um gênero apreciado pelos alunos informantes, ainda era atribuída pouca importância à crônica nas escolas onde a pesquisa foi realizada, especialmente nas escolas particulares. Creemos que se trate de uma situação ainda evidente em salas de aula do Ensino Médio na cidade onde ocorreu a coleta dos dados, o que atualiza o estudo aqui apresentado.

Palavras-chave: Leitura no Ensino-Médio. Prática escolar da leitura. Leitura significativa. Crônica.

CHRONICLE AND SCHOOL PRACTICE OF READING IN HIGH SCHOOL

ABSTRACT

This article is the result of a master's research carried out in 2010 by the Graduate Program in Education at the Federal University of Alagoas, whose objective was to verify to what extent the chronicle contributed to meaningful reading practices in Portuguese Language classes in High School; in two public and two private schools, located in a city in the interior of Alagoas. The collected data allowed us to verify that, although it was a genre appreciated by the informing students, little importance was attributed to the chronicle in the schools where the research was carried out, especially in private schools. We believe that this is a situation that is still evident in high school classrooms in the city where the data were collected, which updates the study presented here.

Keywords: Reading in High School. School reading practice. Meaningful reading. Chronicle.

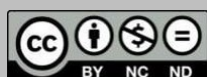
Submetido em: 15/09/2020

Aceito em: 07/03/2021

Publicado em: 30/11/2021



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nEsp2p668-692>



1 Introdução

Estimular os alunos ao interesse pela leitura de textos escritos, conduzindo-os a construir uma ligação íntima com esse objeto a partir dos sentidos apreendidos durante as atividades de leitura, requer dos agentes envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem a organização de aulas que primem pela concretização do objetivo desejado.

Há algum tempo, as discussões sobre a importância de se valorizar aulas voltadas às habilidades leitoras, especialmente na última etapa da educação básica, já se tornaram práticas rotineiras nos encontros entre professores de Língua Portuguesa, ao se levar em consideração o fato de os alunos constantemente apresentarem problemas relacionados ao ato de ler. Em decorrência disso, não apresentam condições de produzir, com relativo conhecimento e facilidade, textos coerentes e significativos.

Para o estudo aqui apresentado foram analisadas as respostas ao questionário aplicado aos alunos de turmas do primeiro ano do Ensino Médio, além da transcrição da entrevista oral também realizada com esses mesmos sujeitos. Os dados foram coletados em quatro escolas, sendo duas públicas e duas particulares, localizadas em uma cidade do interior de Alagoas.

Discutiremos, então, a necessidade de a escola priorizar atividades de leitura com textos que despertem o interesse do estudante, que o provoquem e o tirem da inércia na qual muitas vezes se encontram quando se trata da atividade leitora. Para tanto, os textos literários apresentam-se como uma proposta viável a essa tarefa. Dentre os gêneros da literatura, possivelmente, seria a crônica o que mais aproxima autor e leitor, tendo em vista a forma como se organiza o próprio gênero, induzindo o cronista a falar mais de perto a seus interlocutores. Sendo assim, a crônica apresenta “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. (CÂNDIDO, 1993, p. 23). Trata-se de um gênero que envolve os seus leitores, a ponto de seduzi-los. Tal sedução é resultante dos meios pelos quais a crônica se constitui e, em seguida, pela própria função atual desse gênero, que é, sobretudo, a de divertir.

Isso se deve também ao fato de o gênero em discussão proporcionar caminhos alternativos que possam subsidiar o professor durante as atividades de leitura em sala de aula. Após a leitura de crônicas, possivelmente o aluno torne-se receptivo a outros gêneros escritos, os quais podem ser inseridos gradualmente durante as aulas. Além disso, vale ressaltar a importância da efetiva participação do professor nas atividades de leitura, uma vez que o prazer por essa prática vai-se construindo por meio da mediação

entre o leitor aprendiz e o leitor experiente, ou seja, o professor. A presente discussão fundamenta-se em autores com trabalhos voltados a teorias e práticas da leitura, a exemplo de Marcuschi (2008), Santos (2011) Silveira (2005), além de estudiosos da crônica, sua evolução, seus tipos e características discursivas (BENDER e LAURITO, 1993; SILVEIRA, 2009).

2 O mundo moderno e as práticas sociais da leitura

É possível situar a leitura como uma prática que tem se desenvolvido mediante as inovações provocadas pelas alterações históricas e sociais. No mundo moderno, por exemplo, ler tornou-se mais importante do que em qualquer outra época, viabilizando a emancipação daqueles que fazem do seu uso uma prática constante.

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à literatura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (SOARES, 2004, p.19)

Como se sabe, existem vários propósitos para a leitura, tais como: ler para deleitar-se; ler para estudar e aprender; ler para fazer um trabalho; para fazer reflexões e auto ajudar-se e, também, para se manter informado do que está se passando no mundo, na comunidade.

A leitura como forma de lazer e prazer é uma das mais praticadas socialmente, principalmente, pelos jovens de classes sociais com relativo poder aquisitivo. Aqueles que não possuem condições de comprar livros dificilmente têm frequente contato com textos variados que proporcionem esse tipo de leitura, a exemplo dos romances, contos, crônicas e poemas, cuja preferência é resultante do prazer que proporcionam a seus leitores. Livros e revistas, suportes convencionais que agregam diversos gêneros discursivos, são relativamente caros para o padrão de vida de uma boa parte dos brasileiros. Partindo dessa visão, a leitura deleite, que se caracteriza como um entretenimento saudável que forma e informa ao estimular a imaginação e a curiosidade do leitor, constitui-se um privilégio de poucos.

Vários suportes textuais, além de livros, tais como jornais, revistas e a Internet mantêm uma ou mais páginas dedicadas a algum tipo de leitura deleite. São textos que levam a maior parte das pessoas a ler em qualquer lugar, seja convencional ou não para elas, importando apenas o texto que lhes prende a atenção. Sendo assim, a variedade de

gêneros e textos torna-se cada vez maior para atender aos diversos gostos e interesses dos leitores.

As leituras para estudo e trabalho, a propósito, já requerem um maior processamento cognitivo por parte do leitor. Nesse caso, exige-se um elevado nível de concentração, pois se trata de uma leitura cuja finalidade é cooperar com as expectativas e respostas daquele que lê. Essa é uma prática leitora que se evidencia com maior frequência nas classes dominadas.

Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra condições de vida. (SOARES, 2004, p. 21).

Nesse sentido, a leitura configura-se como arma poderosa enquanto caminho aberto ao mundo do trabalho, levando em consideração que as classes dominadas ouvem e repetem o discurso de que somente através do conhecimento conseguirão melhores condições de sobrevivência e, assim, progredirão socialmente.

Outras leituras também desenvolvidas durante as práticas sociais e, vale salientar, que deveriam ser praticadas também nas escolas, são aquelas que tratam da reflexão e da utilização das notícias da atualidade. São leituras que conduzem o leitor a ser mais cauteloso durante o processamento dessa prática, para compreender o verdadeiro sentido do texto, levando-o, pois, a apresentar mais domínio de reflexão e argumentação, possibilitando “[...] desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles”. (SILVA, 1986, p.49),

A leitura de livros, inclusive dos clássicos, não é uma prática constante nem aparece em todas as famílias, sendo direcionado o desenvolvimento dessa prática para a escola. Assim, a instituição escolar, enquanto condutora, bem como formadora de cidadãos hábeis a atuar nas diferentes esferas sociais, tornou-se a principal responsável por guiar os jovens à leitura dos gêneros mais diversos, que circulam em vários setores da sociedade e daqueles com os quais, possivelmente, os discentes mantêm mais contato.

Dentre os gêneros lidos por alguns jovens e levados por eles à sala de aula, podemos citar os de autoajuda, religiosidade e espiritualidade. É uma leitura influenciada pela diversidade religiosa que se tem apresentado com grande efervescência nos últimos tempos. São literaturas cujas leituras dão-se principalmente por conta de adesões religiosas, além da busca para soluções de problemas e, vale salientar, leituras de grande procura em todo o Brasil.

O público leitor no País se expandiu e a procura do leitor brasileiro por textos de autoajuda tem sido um fato inegável contemporaneamente. Talvez seja o caso de compararmos a procura do referido gênero à procura dos folhetins no Brasil do final do século XVIII e durante o séc. XIX. Os textos religiosos, assim como os espirituais, também vêm se firmando no mercado editorial, devido à grande procura pelos mesmos, principalmente no que diz respeito aos textos espíritas, cuja demanda é bastante visível. Tal procura, possivelmente, reflete tanto a manutenção, quanto as alterações de crenças, valores, sentimentos, ideologias presentes na sociedade vigente.

Na verdade, as mais diversas práticas de leitura atualmente revelam as opções e necessidades dos leitores modernos. A preferência textual, num dado momento, diz muito dos níveis de conhecimento literário e leitor do sujeito em questão, assim como as suas carências afetiva, espiritual, religiosa. É importante ressaltar que a preferência do leitor por determinado texto ou gênero também se dá pelo prazer que ele (o leitor) espera encontrar com a sua escolha. Essa afirmação é ratificada quando se diz que: “quando pegamos um livro para ler, um romance ou mesmo um ensaio, ou até mesmo um jornal ou revista, o que nos move é muito mais experiência e o prazer que essa leitura nos proporciona, do que simplesmente a busca de informação”. (MARIA, 2008, p. 22).

Assim, quando realizamos uma leitura, somos envolvidos por diversos motivos, novas expectativas e experiências, pois a cada leitura o texto renasce para um mesmo público leitor, ao levar-se em consideração que um novo olhar é lançado sobre a matéria escrita, mediante diversas práticas de leitura. Isso só é possível quando o leitor detém experiências adquiridas durante as diversas fases de sua formação, principalmente a formação escolar.

Os textos que circulam em diversos âmbitos sociais refletem, portanto, a diversidade de vozes de leitores que ecoam num determinado momento da nossa história, revelando os variados campos do conhecimento em que os nossos leitores estão inseridos.

3 A formação do leitor no ensino médio

A formação leitora dos nossos jovens, em grande parte das instituições escolares brasileiras, ainda não tem sido de fato pensada como meio de prepará-los para as variadas formas de encontro com o texto escrito. No caso do Ensino Médio, é pertinente observar que as escolas têm se voltado a uma prática de ensino relacionada ao texto primando pelas solicitações de vestibulares, notadamente do Exame Nacional do Ensino

Médio (ENEM). Com essa finalidade, vários são os exercícios que tratam da leitura com vistas à interpretação de texto. Para isso, servem-se de reproduções de questões de vestibulares, enquanto as atividades de leitura não se concretizam por completo. Uma prática antiga e ainda presente nas escolas brasileiras, da mesma forma, tem contribuído para o desinteresse dos alunos em relação à leitura: a descaracterização dessa atividade. Isso ocorre porque:

[...] não se considera, na escola, a interação texto-leitor imprescindível para o ato de ler. O desinteresse dos alunos ocorre devido à automatização da leitura expressa nas questões objetivas e repetitivas presentes nas avaliações. Como exemplo, temos as chamadas “fichas de leitura”, que acompanham os livros de literatura e são definidas por editoras e alguns professores como guias e roteiros [...] (SANTOS, 2011, p.70).

Dessa forma, é quase impossível levar o jovem aprendiz a se interessar pelo livro. Daí a necessidade de as escolas valorizarem as aulas de leitura e evitarem meios ineficientes, a exemplo dos citados por Santos (2011), para fazer o aluno gostar de ler; afinal, é nas escolas públicas, por exemplo, onde a maioria dos alunos proveniente de classes menos favorecidas, pode aprender e desenvolver o gosto pela leitura.

Embora a escola tenha de acompanhar as evoluções dos meios eletrônicos e adequar-se ao conhecimento que os alunos trazem desses lugares, é imperativo que se privilegie o trabalho com o texto na sala de aula, seja ele literário ou não, abrangendo as variadas formas de leitura. É igualmente importante observar, entre os gêneros trabalhados, aqueles que mais agradam aos estudantes e, nesse sentido, tomá-los como suporte para o exercício da leitura. Com efeito, se os alunos forem orientados a ver que o texto tem algo do interesse deles, que os agrada, poderão se tornar interessados pela sua leitura e, dessa forma, superar dificuldades relacionadas ao contato com o texto.

Cabe, portanto, à escola, especialmente no Ensino Médio, proporcionar a interação entre os aprendizes e os gêneros literários, notadamente com aqueles que levam à reflexão. Assim sendo, a leitura literária é a atividade fundamental que a escola desenvolve para a formação dos alunos e o melhor que pode oferecer a eles (CAGLIARI, 2003). A convivência plena dos jovens com o texto literário possibilitará – além de conhecimento – descobertas interessantes, assim como outro olhar em relação às pessoas, ao mundo e aos acontecimentos que as envolvem.

Entretanto, há de se reconhecer que “nem só de leitura literária vive o homem”; a leitura exerce outras funções sociais importantes na vida das pessoas. Desse modo, existe a leitura para fins instrumentais (na escola, na academia e no trabalho); a leitura para aquisição de informações gerais; a leitura para entretenimento, dentre outras.

Convém salientar que essas funções são exercidas pelos chamados gêneros textuais, aqui considerados os gêneros não literários.

4 Noção e contribuição da diversificação dos gêneros textuais para a formação do leitor

A noção de gêneros textuais surgiu na Grécia antiga, com Platão, na literatura, com os chamados gêneros lírico, dramático e épico, e com Aristóteles na tradição retórica em que se enfatizavam três instâncias de atuação do cidadão grego representadas pelos três gêneros: o *deliberativo* (para aconselhar ou desaconselhar); o *judiciário* (para acusar ou defender) e o *epidíctico* (para censurar ou elogiar) situando-se no presente.

Na concepção literária tradicional, os gêneros literários são considerados, por sua essência, como tipos de texto (FREEMAN; MEDWAY apud SILVEIRA, 2005b). Ao extrapolar o âmbito literário, o termo gênero adquire outras conceituações, primeiramente com a terminologia gênero do discurso utilizada por Mikhail Bakhtin, e depois denominado de gêneros textuais por outros teóricos, tais como John Swales, Charles Bazerman, Luiz Antônio Marcuschi, dentre outros (SILVEIRA, 2005b). Marcuschi (2008) adota a seguinte noção sobre gêneros:

São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Tipos específicos de qualquer natureza, literários ou não-literários, orais ou escritos, os gêneros circulam no mundo com uma função específica para um público determinado; com características próprias, que emanam de diferentes esferas sociais constituindo formações discursivas. São exemplos de gêneros: anúncios, bulas, cartas, cartazes, receitas, comédias, editoriais, crônicas, ensaios, entrevistas, entre tantos outros. Ressaltamos também os chamados gêneros digitais, quais sejam: o e-mail, o chat, a entrevista on-line, o blog e outros que a mídia digital vai criando com a evolução da tecnologia. Há ainda os gêneros característicos da comunicação oral, dentre eles: a conversa com amigos, com a família, entre outras formas semelhantes de interação nesse sentido.

É pertinente acrescentar nessa discussão os suportes de gêneros; isto é, o local onde eles se materializam como jornais, revistas, livros, para citar os mais tradicionais.

Sobre o assunto, Marcuschi (2008) afirma, por exemplo, haver equívoco por parte dos manuais ao colocarem que o dicionário é um portador de gênero, quando ele próprio é um gênero; e o *outdoor* ser gênero, quando é um suporte.

Podemos ainda dizer que os gêneros são particularizados pela linguagem que os representa, bem como surgem segundo as necessidades socioculturais. Por isso, as práticas sócio-discursivas e a produção dos enunciados durante a realização dessas práticas são reguladas pelo gênero, considerando que, na manifestação da linguagem, língua e gênero não se separam (ADAM; HEIDMANN, 2011). Os gêneros estão imbricados na nossa prática languageira e organizam nossas interações sociais mediadas pela língua. Nesse sentido, ao falar sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (1997, p. 302) acrescenta que se eles não existissem e “se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. (BAKHTIN, 1997, p. 302).

A eficácia relacionada ao conhecimento dos gêneros e a contribuição que eles podem dar para a real competência comunicativa é importante e necessária para que o sujeito possa adentrar com segurança nas diversas esferas onde a comunicação verbal é prioritária.

Os gêneros textuais são dinâmicos e estão sempre sofrendo alterações, adequando-se às novas formas de discursos que vão surgindo conforme as necessidades dos indivíduos e de suas atividades sociais. Nesse sentido, os gêneros nascem, modificam-se, desaparecem, morrem e reaparecem ao sabor das mudanças culturais e práticas sociais. Citamos como exemplo a crônica, gênero geralmente relacionado à modalidade escrita da língua, cuja origem remonta aos documentos históricos e, na modernidade, circula no domínio discursivo do jornalismo.

Compreendemos que todo e qualquer discurso (médico, jurídico, religioso, político, familiar), seja ele oral ou escrito, surge em um domínio discursivo com um propósito comunicativo que o caracteriza, resultando, portanto, em gênero. Assim, toda prática discursiva – escrita ou não – sempre estará relacionada a um gênero.

Os gêneros textuais são um ponto de grande relevância em se tratando de leitura e letramento. Nesse sentido, explica-se que “a linguagem sempre acontece em forma de texto e, como texto, ela inevitavelmente ocorre numa determinada forma genérica. Essa forma genérica emerge da ação dos sujeitos sociais em determinadas ações sociais”. (KRESS, 1993, p.36 apud SILVEIRA, 2005b, p.39).

Daí a importância de se enfatizar a prática pedagógica da leitura que envolva o contato com uma razoável diversidade de gêneros que circulam tanto na escola quanto além dos seus muros. Com efeito, determinados gêneros levados à sala de aula já foram apreciados pelos alunos em algum momento, em algum lugar e terão possibilidades de outras apreciações pelos mesmos alunos a partir de outros contatos, os quais podem acontecer no espaço escolar.

Todo texto – tanto na sua forma composicional quanto discursiva – constitui-se pelo gênero que o caracteriza. Em alguns é possível observar a marca de outros gêneros sem que muitas vezes o leitor atente a esse respeito. Nesse sentido, Koch (2007) afirma que, a depender do propósito comunicativo, um gênero pode assumir a forma de outro gênero, constituindo-se, assim, o fenômeno da hibridização ou intertextualidade intergêneros; mas, para que se efetive o reconhecimento do gênero predominante, necessita-se da experiência do indivíduo enquanto leitor. Para isso, é imprescindível que as práticas de leitura na escola visem também a um leitor que possa identificar ao menos os gêneros mais frequentes no seu cotidiano, os quais – na maior parte das vezes – ele desconhece quanto à classificação, dada a infinidade de gêneros que se fazem presentes em nossas ações discursivas. Sendo assim, “os gêneros estão presentes, portanto, em todas as circunstâncias da vida, em que as ações humanas são mediadas pela atividade discursiva”, (SILVEIRA, 2005a, p. 37). A autora (idem) acrescenta: “talvez por serem tão frequentes e tão ‘naturais’ em todos os níveis e situações da vida humana, não nos damos conta de sua existência”.

Sendo, portanto, as práticas de leitura mediadas pela noção da função e classificação dos gêneros, possivelmente o aprendiz consiga alcançar com certa facilidade uma melhor compreensão de textos escritos. Essa é uma meta que a escola, enquanto agência formadora, precisa ter.

A diversidade de gêneros presentes em nossa sociedade poderá levar o professor a desenvolver práticas pedagógicas com possibilidades de contribuir para a formação de leitores que consigam interagir com diversos gêneros. Para isso, o professor necessita criar, em sala de aula, situações de aprendizagem que permitam aos alunos conhecer alguns gêneros, em especial aqueles que circulam no meio social em que eles vivem. Não se tratam somente de atividades presas aos gêneros que se encontram no livro didático, mas também voltadas aos seus suportes de origem, tais como o jornal, no qual se presenciam a notícia, a crônica e outros gêneros específicos desse suporte; a revista, também com gêneros que lhes são pertinentes, a exemplo da entrevista, do artigo de opinião e igualmente da crônica, entre outros.

O aluno precisa ser capacitado a identificar a natureza de um texto, de que forma esse objeto se faz presente em determinados meios sociais e, assim, caracterizar-se como gênero. Nessa perspectiva, o trabalho com a leitura em sala de aula deve ser pensado e executado visando à percepção do gênero do texto, dando-se relevância não só a seus aspectos formais, mas, principalmente, a seus aspectos discursivos, pragmáticos e funcionais. Assim, as suas características e propriedades comunicacionais são evidenciadas, o que pode levar o leitor a ter mais facilidade para interagir não só com os textos que circulam no seu cotidiano, mas também com outros com que possa ter contato.

Há igualmente de ser levado em consideração o frequente aparecimento de novos gêneros que se originam de gêneros já existentes e de largo uso em outras épocas. Um bom exemplo é o e-mail, cujas raízes estão na carta e até no bilhete. Marcuschi (2011) salienta que nem sempre o gênero é essencialmente novo, mas deriva-se de outros, os quais, devido ao aparecimento de novas práticas discursivas, aos poucos saem de circulação. Os gêneros são dinâmicos e facilmente adaptam-se às situações de uso, inclusive à linguagem que passa a caracterizá-lo.

A seguir trataremos da crônica, um gênero híbrido, pois circula nas esferas literárias e jornalísticas e que tem tido, ao longo dos últimos 60 anos, uma presença constante nas antologias e nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Esse gênero, ao longo dos anos de sua existência, tem passado por várias transformações devido a influências oriundas da literatura e da própria dinâmica das mídias impressas e eletrônicas por onde circula. Essas influências deixaram marcas na sua linguagem, nos seus propósitos comunicativos e também no seu público leitor.

5 Definição e características da crônica

A palavra crônica deriva-se do latim *Chronica* e do grego *Khrónos* (tempo), daí o significado principal que acompanha esse tipo de texto ser exatamente a ideia de tempo, do relato do tempo presente no contexto de sua produção. Nesse sentido, a crônica, em princípio, é o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo, de um fato cotidiano, apresentando lirismo, reflexão e certo tom de ironia. “O vocábulo ‘crônica’ designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica”. (MOISÉS, 1985, p. 245). O termo crônica mudou de sentido ao longo de sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com a sua origem (LAURITO, 1993). O Minidicionário de Língua Portuguesa de

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001) traz os seguintes significados para esse termo: “narração histórica, por ordem cronológica; pequeno conto, de enredo indeterminado; texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal; seção de revista ou de jornal; conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto.” (FERREIRA, 2001, p. 208).

Conforme se observa, a primeira acepção traz o sentido original da crônica, ou seja, o registro de fatos históricos segundo a ordem em que aconteceram; enquanto as outras acepções se aproximam mais dos sentidos atribuídos à crônica na atualidade. Inicialmente, para, de fato, entender esse gênero, é interessante recorrermos à mitologia clássica. Dessa forma, recordemos o mito de Cronos.

O deus Cronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou com a própria irmã, Réia. Urano e Gaia, conhecedores do futuro, predisseram-lhe, então, que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Para evitar a concretização da profecia, Cronos passou a devorar todos os filhos nascidos da sua união com Réia. Até que esta, grávida mais uma vez, conseguiu enganar o marido, dando-lhe a comer uma pedra em vez da criança recém-nascida. E, assim, a profecia realizou-se: Zeus, o último da prole divina, conseguindo sobreviver, deu a Cronos uma droga que o fez vomitar todos os filhos que havia devorado. E liderou uma guerra contra o pai, que acabou sendo derrotado por ele e os irmãos (LAURITO, 1993, p.10).

Cronos é, portanto, a personificação do tempo. Podemos entendê-lo (o tempo) como o condutor, ou seja, o mestre de cerimônia dos ciclos da vida, impiedoso, aquele que ao mesmo tempo em que doa a vida também a devora, engolindo tudo em sua passagem e se constituindo enquanto memória.

É enquanto memória e problematização da angustiante relação da humanidade com o tempo desgastante das ações rotineiras que a crônica se constitui. Outrossim, podemos também associar à crônica a leveza e o desapego aos pormenores do mundo cotidiano urbano, o flagrante dos acontecimentos diários nas grandes cidades, que, quando relatados de forma ressignificada, cativam o leitor.

Para que a crônica seja, então, atraente ao leitor, passamos essa responsabilidade àquele que dá vida a esse gênero, isto é, ao cronista. Nesse sentido,

[...] o cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. Aliás, como procede todo autor de ficção, com a diferença de que o cronista reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe infiltre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito horizonte ambicionado por todo ficcionista de lei. De onde as características da crônica, como também suas grandezas e misérias, resultarem dessa inalienável ambigüidade radical (MOISÉS, 1985, p. 247).

O cronista capta flagrantes do dia a dia e deles extrai o conteúdo que ganha as páginas dos jornais. Geralmente, são textos que, em meio a uma tempestade de notícias

e informações, podem deleitar seus leitores ocupando apenas um pequeno espaço do jornal, bem como das páginas de algumas revistas. É o cronista um escritor do tempo que lhe é presente. Trata-se de alguém que valoriza os acontecimentos diários, até aqueles considerados banais, a exemplo da própria falta de assunto para escrever, conforme aduz Rubem Braga: “Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou meu dia. Que bela tarde para não se escrever!” (FRANCHETTI; PECORA, 1980, p.13). Partindo das palavras do cronista, deduzimos que não ter o que escrever já se torna assunto para uma crônica. Essa pode ser considerada uma habilidade do cronista moderno, talvez pelo fato de escrever para os jornais, e, conseqüentemente, pela urgência para a entrega do texto. Sendo assim, é possível ainda considerar, no conteúdo de uma crônica moderna, as impressões, reflexões e expectativas do cronista acerca do seu próprio ato de escrever.

Dentre os gêneros da literatura, possivelmente seja a crônica o que mais aproxima autor e leitor, tendo em vista a forma como se organiza o próprio gênero, induzindo o cronista a falar mais de perto aos seus interlocutores. Assim sendo, a crônica apresenta “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. (CÂNDIDO, 1993, p. 23). Trata-se de um gênero que se envolve com os seus leitores, a ponto de seduzi-los. Tal sedução é resultante dos meios pelos quais a crônica se constitui, e, em seguida, pela própria função atual desse gênero, que é, sobretudo, a de divertir.

Estamos tratando de um gênero considerado menor, devido a seu caráter efêmero, ao emergir dos acontecimentos diários e também pela dimensão da oralidade que apresenta na escrita. Assim,

[...] a crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (CANDIDO, 1993, p. 13).

Um gênero menor que, através das minúcias, pode revelar muito do oculto por trás das ações humanas e que, pela leveza, graça e simplicidade tão exaltadas tem conquistado muitos leitores. Além disso, vale ressaltar o desempenho do próprio cronista ao transformar assuntos corriqueiros em temas cujo desenvolvimento pode apresentar lirismo, humor e até ironia, tanto com a finalidade de comover o leitor quanto de levá-lo a pensar e refletir sobre o assunto abordado, dispensando a este maior atenção. Por isso, seria o caso de estarmos tratando de um gênero menor, apenas no sentido da possibilidade de ser, em muitos casos, efêmero. Entretanto, existem, decerto, crônicas

que resistem ao tempo, que extrapolam o contexto de sua produção e se tornam peças de valor perene.

Para ilustrar a possível perenidade que as crônicas podem assumir, utilizemo-nos do excerto da crônica *O padeiro*, escrita por Rubem Braga, autor voltado com exclusividade para esse gênero. O texto focaliza a realidade do trabalhador brasileiro que, em virtude da própria profissão, vive nas sombras e nos bastidores da sociedade, chegando até a aceitar isso com resignação e naturalidade. Essa observação evidencia-se na seguinte passagem do texto:

[...] Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo meu café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

[...] Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém.

O cronista aborda, e explora sutilmente, a fala do padeiro (“Não é ninguém, é o padeiro”) como expressão da aceitação, por parte do trabalhador, da sua própria condição, demonstrada na suposta nulidade social do seu ser e do seu trabalho. Isso deve provocar, de alguma forma, uma reflexão sobre a valorização social das profissões e ocupações na sociedade e a questão das identidades sociais e as relações de poder e opressão.

E aí, entra ele, o próprio cronista, a comparar o seu trabalho, na redação de um jornal, ao do padeiro e, sutilmente, a crônica ao pão.

[...] Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e, muitas vezes, saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ambos faziam um trabalho noturno; o padeiro para produzir e entregar o pão quentinho pela manhã, e o cronista para fazer o mesmo com o jornal, ou seja, entregá-lo quente de notícias e com a sua crônica do dia. Observamos ainda que a narração em primeira pessoa dá ao texto um tom conversacional permitindo que o leitor se envolva mais e mais nessa conversação.

Outro ponto também a ser notado é o lirismo presente na crônica em análise, podendo levar os leitores a refletirem sobre a condição do relacionamento das classes mais humildes com o mundo.

[...] O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”

Assim, a crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”, (CÂNDIDO, 1992, p. 14), convidando o leitor a despertar para um assunto sério, mas aparentemente banal, através de um texto leve e fluente.

Mediante a crônica apresentada, ressaltamos a importância desse gênero que está intimamente relacionado ao cotidiano, às miudezas da vida. Nele tudo é vida, experiência, e, como já dito, motivo para reflexão e, além disso, causa de divertimento que pode transportar o leitor ao mundo da imaginação para, então, voltar mais maduro à vida (CÂNDIDO, 1992).

A crônica muitas vezes pode também ser confundida com outros gêneros, a exemplo do miniconto, além de apresentar uma tênue fronteira com o artigo de opinião. Podemos afirmar ainda que uma das suas peculiaridades é o hibridismo, além da conversa com o leitor, conforme observado na crônica apresentada, visto que um dos pontos que caracteriza o gênero em tratamento é o tom dialogal que ele sempre mantém. Ademais, trata-se de um gênero que ostenta a brevidade do tempo e das coisas.

6 A crônica na escola: gênero motivador das práticas de leitura

A leitura significativa exige muito mais do que uma simples decodificação das palavras ou interpretações superficiais do texto. Para isso, é necessário que o leitor também trabalhe com as inferências que o texto apresenta para que esse objeto possa ser compreendido e, por conseguinte, proporcionar visões diferenciadas do mundo e a diversidade de informações e saberes. Assim, a leitura precisa ser, a todo momento, estimulada e a escola é a principal e – para muitos – talvez a única agenciadora desse estímulo.

Uma atividade prazerosa de leitura tende a amenizar a distância entre o aluno e o texto escrito. Para essa finalidade, é importante levar à sala de aula textos que motivem os jovens ao ato de ler. Quando o indivíduo demonstra interesse pelo material escrito que tem diante de si, as possibilidades de compreensão aumentam, visto que há uma tendência de a leitura fluir. Com isso, paulatinamente, o leitor passa a retirar significados do material lido, delineando-se, dessa forma, a interação entre texto e leitor, que é entendida como processo de construção de significado que conduz, enfim, os interactantes à comunicação. Sem se descuidar do ensino da gramática, é prioritário promover mais oportunidades de leitura na escola, especialmente, durante as aulas de Língua Portuguesa.

Para induzir o aluno à prática de leitura, é importante que ele seja “conquistado” primeiramente, por meio da chamada leitura prazer para ir progressivamente realizando outros tipos de leitura, quais sejam, a leitura para estudo e aprendizagem, a leitura reflexiva e a leitura instrumental.

O diálogo entre autor/texto/leitor somente se efetiva quando os partícipes da comunicação passam a se entender. Não se faz necessário, para esse fim, que ambos façam parte do mesmo contexto histórico e social; independente disso, o diálogo se estabelece à proporção que o leitor consegue compreender o que, aos poucos, o texto vai lhe revelando. Tomemos como exemplo as crônicas escritas por Machado de Assis (séc. XIX), Rubem Braga (séc. XX) e as atuais crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Como sabemos, o primeiro cronista mencionado ressalta na escrita do gênero as questões políticas e sociais da sua época, que se revelam para o leitor atual numa linguagem regada a humor, ironia e muita crítica; o segundo cronista expõe lirismo em crônicas narrativas do cotidiano, muitas vezes em tom memorialista e o último cronista mencionado ressalta em seus textos as questões sociais e políticas, assim como os fatos cotidianos do seu tempo, com uma narração construída através de crítica e muito humor.

Diz-se comumente que a compreensão é a base da leitura. É pensando na compreensão do texto por parte do jovem leitor que o exercício da leitura precisa ser pensando e direcionado na sala de aula, partindo de textos que, pela sua própria estrutura e linguagem, facilitem o início dessa prática, como é o caso da crônica, que apresenta as características já citadas ao longo deste trabalho e, por isso, pode se tornar mediadora do diálogo entre o aprendiz e o texto, mediado por aquele que o escreveu. Dessa forma, o ato da compreensão, conforme assevera Bakhtin (1997), passa a ser efetivamente dialógico.

Em se tratando do Ensino Médio, a crônica pode ter muito a contribuir com as atividades de leitura nesse nível da educação básica. Uma metodologia de ensino da leitura que tome como ponto de partida a leitura de crônicas pode apresentar condições de encaminhar os jovens aos gêneros com os quais eles mantêm contato diário e – a depender do assunto tratado – levá-los a adentrar em conteúdos abordados em outras áreas do conhecimento. “[...] A crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto”. (SILVEIRA, 2009, p. 238). Contudo, para que essas ideias, de fato, se concretizem é importante o interesse e o empenho dos docentes na condução do processo de leitura em sala de aula, buscando meios viáveis para isso. A crônica, devido às características que possui, pode protagonizar essa função.

Há de se considerar, além disso, que a crônica é um meio eficaz de despertar a consciência literária e, “principalmente por ser tão difundida nos livros didáticos acaba sendo a principal fonte de texto literário para a maioria dos nossos jovens [...]” (BENDER (1993, p. 44). Isso posto, a escola, enquanto entidade através da qual o sujeito aprendiz passa a construir valores além daqueles que ele já traz da formação adquirida na própria família, precisa oportunizar o contato dos alunos com gêneros discursivos da esfera literária que, por sua vez, lhes ofereçam a oportunidade de ampliar o próprio conhecimento.

É através da leitura literária que a história do homem, em todas as épocas, vai-se revelando até para que alguns acontecimentos do presente possam ser compreendidos.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada (COSSON, 2007, p.17).

Portanto, o interesse pela leitura literária precisa ser estimulado na escola e poderá apresentar bons resultados, se o professor fizer uso de textos que conduzam os jovens a um encontro prazeroso e revelador com a palavra escrita. É nessa perspectiva que se enquadram as aulas de literatura tendo a crônica como eixo norteador.

Por meio de uma crônica pode-se conhecer particularidades de várias culturas, manifestações de um povo, de uma época, além da abordagem de temas mais próximos dos leitores, especialmente daqueles que ainda não fizeram da leitura uma prática. Com efeito, mediante uma série de alternativas que o gênero em discussão oferece ao trabalho com textos na sala de aula, tornar-se-á possível, a partir de uma ou mais crônicas, montar e desenvolver, nesse espaço escolar, atividades de leitura que possam contribuir para a formação de um leitor crítico. Desenvolver uma metodologia de ensino visando à formação de leitores a partir da leitura de crônicas tende a contribuir para uma melhor situação de aprendizagem; pois, através desse gênero, o ato de ler pode ser despertado e intensificado.

7 Descrição da pesquisa

Apresentamos aqui o estudo realizado com alunos do 1º ano do Ensino Médio de quatro instituições escolares de uma cidade do interior de Alagoas, sendo duas da rede pública estadual (escolas A1 e A2) e duas da rede particular (escolas B1 e B2). Escolhemos a referida série porque, normalmente, o esperado é que os alunos

matriculados nela apresentem certa desenvoltura nas suas práticas de leitura, as quais serão ampliadas durante as séries seguintes da segunda etapa da Educação Básica.

O número de alunos-informantes, em cada escola, foi 35 para a escola A1 e 37 para a escola A2 (escolas públicas); 36 alunos da escola B1 e 33 da escola B2 (escolas particulares). Ao todo, tivemos um total de 141 alunos informantes. Tendo em vista a menoridade desses informantes, apresentamos aos seus pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹ - TCLE - em seguida por eles assinado, consentindo a participação dos filhos na informação dos dados apresentados neste estudo.

Elegemos a pesquisa qualitativa visando à descrição, comparação e interpretação dos dados obtidos nas turmas onde se deu a nossa investigação; buscando, por esse meio, identificar e entender o nível de interesse dos alunos pela leitura de crônicas. Com essa finalidade, procuramos deixar os participantes à vontade para direcionar as próprias informações. Nesta pesquisa, utilizamo-nos do questionamento como meio principal da coleta de dados realizada mediante a aplicação de questionário e entrevista oral.

8 Questionário aplicado – análise dos dados

Oriunda das classes sociais baixa e média nas escolas públicas; média e alta nas escolas particulares, a maioria dos alunos informantes estava com idade entre 14 e 16 anos à época da coleta dos dados. Essa faixa etária foi detectada nas quatro escolas *lócus* desta pesquisa. Os alunos que estavam com idade entre 17 e 18 anos foram identificados na escola pública A2 e nas escolas particulares: B1 e B2. Dentre os informantes, um aluno da escola pública A2 e dois da escola particular B1 não revelaram a idade. Percebemos, portanto, que, tratando-se dessas quatro entidades de ensino, a maior parte dos alunos encontrava-se com idade dentro da faixa de escolarização esperada para o 1º ano do Ensino Médio. No entanto, uma minoria deles, seis alunos, já demonstrava idade defasada. Acrescentamos ainda que, numa das escolas públicas (A2), havia uma aluna com idade de 13 anos.

Dos dados resultantes dos questionamentos que envolveram as práticas de leitura nas salas de aula dos alunos das quatro escolas envolvidas nesta investigação, apresentamos aqui a atenção dada ao gênero crônica durante as aulas no Ensino Médio à época da pesquisa.

¹Documento emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Inicialmente, solicitamos aos alunos que indicassem, até dois, os gêneros mais lidos durante as aulas de Língua Portuguesa. Nas escolas públicas, praticamente 39% apontou a crônica como o texto mais lido na disciplina Língua Portuguesa, seguida pelos poemas. Várias podem ser as razões pelas quais a crônica ocupou esse lugar de destaque. Uma delas pode ser a linguagem leve e a temática geralmente voltada para os problemas do cotidiano, além da sua presença frequente nos livros didáticos. Já nas escolas particulares, o maior índice recaiu sobre o artigo de opinião, indicado por quase 46% dos respondentes. Esse fato pode estar relacionado aos textos dissertativos que comumente são os mais solicitados para redação em exames vestibulares. O poema apareceu em seguida, ocupando a segunda colocação, semelhante às escolas públicas. Essa recorrência pode ser devida à presença desse gênero no livro didático. Mesmo com o lento desaparecimento dos textos literários nesses manuais, o fato é que os poemas têm resistido e parecem ser apreciados pelos jovens.

A respeito da crônica e sua razoável presença na escola pública, levamos em consideração, especialmente, o fato de a professora de Língua Portuguesa da escola pública A1 haver trabalhado esse gênero na sala de aula atendendo a uma solicitação da Olimpíada de Língua Portuguesa/2010², que fora encaminhada naquele ano para as escolas públicas de Ensino Médio a fim de que fosse desenvolvido, com alunos do primeiro ano, um trabalho voltado à leitura e à escrita de crônicas.

Com o objetivo de verificar se os alunos, ao longo da sua formação escolar, tiveram um contato maior com um gênero que lhes despertasse o interesse pela leitura de textos escritos, lançamos aos nossos informantes a seguinte pergunta: você sabe o que é uma crônica? A maioria dos respondentes revelou saber apenas em parte. Observamos, então, que, nas escolas públicas, ainda não tinha havido uma prática satisfatória de exploração do gênero crônica. Isso significa que, mesmo tendo a escola A1 desenvolvido um trabalho voltado à leitura e produção de crônicas, pode não ter acontecido uma aprendizagem para que, ao menos, uma parte significativa dos alunos conseguisse responder positivamente à indagação a ela direcionada.

Em seguida, solicitamos aos discentes que informassem se o professor de Língua Portuguesa levava crônicas para a sala de aula. As respostas revelaram que a crônica ainda não era um gênero trabalhado, com certa frequência e de forma explícita, pelo

² Programa do MEC de caráter bienal e contínuo que tem o objetivo de contribuir para a ampliação do conhecimento e para o aprimoramento do ensino da leitura e da escrita. Caracteriza-se como um programa que oferece “formação em serviço” e à distância, procurando inserir-se no cotidiano da escola como parte da programação regular de Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.escrevendoofuturo.org.br>>. Acesso em: 4 out. 2011.

professor na sala de aula. Segundo o maior percentual das respostas, 62,50%, isso acontecia apenas algumas vezes. Comparando esses dados com aqueles apresentados pelos estudantes das escolas particulares, verificamos que a maior incidência dos professores que sempre levavam crônicas à sala de aula estava nas escolas públicas.

Esse dado pode demonstrar a possibilidade de os professores das escolas públicas sentirem-se menos cobrados e, portanto, mais à vontade para trabalhar com os gêneros que julgarem pertinentes ao interesse e à aprendizagem dos seus alunos, além de receberem propostas de programas do MEC para desenvolverem, nas salas de aula, trabalhos voltados à leitura e à escrita de alguns gêneros, a exemplo da crônica. Os professores das escolas particulares; ao contrário, sempre tendem seguir à risca as imposições dessas instituições, as quais, conforme já mencionamos neste trabalho, primam por atender às exigências dos vestibulares.

As respostas dos alunos também revelaram que a crônica é um gênero cuja prática ainda não havia se tornado intensiva, nas salas de aula das escolas onde esta pesquisa se realizou. Nesse sentido, verificou-se a carência que os alunos das instituições nas quais esses dados foram coletados apresentavam em relação à leitura de um gênero que também tem ganhado força e contribuído como orientador e formador de opinião (PROENÇA FILHO, 2008).

A seguir, mostraremos as informações alcançadas por meio das respostas concedidas pelos alunos durante a entrevista oral.

9 Análise dos dados obtidos por meio da entrevista oral

Conforme anunciado na introdução deste trabalho, a entrevista oral teve a finalidade de cruzar dados provenientes do questionário aplicado aos alunos com o discurso falado construído por essa categoria de informantes sobre o desenvolvimento da leitura de crônicas na escola. Submeteram-se à entrevista, ao todo, 16 alunos do 1º ano do Ensino Médio, sendo 04 de cada escola onde ocorreu a pesquisa.

Os informantes, inicialmente, afirmaram que priorizavam uma leitura com vistas ao prazer que determinados gêneros podem proporcionar. Trata-se, pois, de um prazer que se pode estabelecer por meio da motivação e do interesse que o aluno venha a sentir pelo texto. Assim, “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON, 2007, p. 54). Conseqüentemente, incentivo que, na sala de aula, é mediado pelo professor, conforme já mencionado neste trabalho.

As informações passadas pelos entrevistados da escola A1 fomentaram a ideia de que, para eles, o incentivo à leitura se realizava quando o professor indicava um gênero a ser lido e, posteriormente, mediante essa indicação, avaliava o aluno. Ficou também notório, mais uma vez, no discurso desses alunos, que a prática de leitura entre eles vislumbrava preferencialmente à preparação para o vestibular. Assim como se deu nas falas dos entrevistados da escola A1, os respondentes da escola A2 viam as avaliações voltadas às leituras indicadas pelo professor, geralmente, por meio de apresentações de trabalhos e com a intenção de obter uma nota como incentivo ao exercício dessa prática.

Dentre os gêneros da literatura mais apreciados pelos alunos da escola A1 destacaram-se o romance e a crônica. Consideramos também que a resposta para o romance justifique-se mediante o fato de a leitura desse gênero ser mais solicitada, preferencialmente no Ensino Médio, devido ao vestibular. Quanto às crônicas, conjecturamos que tiveram uma atividade de leitura mais relevante, em virtude da Olimpíada de Língua Portuguesa/2010, que levou uma parte dos estudantes das escolas públicas a ler, interpretar e produzir crônicas, as quais, de acordo com as respostas dos informantes da escola A1, foram trabalhadas durante algumas aulas de Língua Portuguesa. Em relação aos alunos da escola A2, estes, também, ao que parece, demonstraram apreciar mais os gêneros cuja leitura parecia ser mais frequente em sala de aula, preferencialmente o poema.

Dentre os comentários dos alunos da escola A1, apenas dois demonstram-se consistentes na explicação sobre a crônica; as demais falas suscitaram que esses respondentes já mantiveram algum contato com o referido gênero, no entanto, pareciam não ter apreendido o seu exato significado e função. Para os respondentes da escola A2, tratava-se de um gênero que lhes parecia desconhecido; somente um dos entrevistados arriscou-se a falar o significado do termo crônica, mais comum nos estudos iniciais das aulas de literatura no primeiro ano do Ensino Médio.

Os alunos também comentaram a respeito do trabalho com as crônicas, realizado pelo professor na escola. Os entrevistados da escola A1 foram unânimes ao responderem que a professora desenvolveu aulas direcionadas à leitura de crônicas. O mesmo pode-se dizer sobre as respostas apresentadas pelos alunos da escola A2. Destes, apenas um fez a ressalva de que esse gênero foi pouco trabalhado na sala de aula. Quando indagados sobre alguma crônica interessante que tivessem lido na escola ou fora dela, os entrevistados da escola A1 responderam positivamente relatando um pouco do conteúdo de uma crônica que lembraram ter lido na escola; entre eles, apenas um aluno revelou

não ter lembranças disso. Já na escola A2 somente um informante lembrou de uma crônica lida e, ao que tudo indica, fora da escola.

Percebemos que os alunos entrevistados da escola A2, em maioria, desconheciam o gênero crônica, suas características peculiares e, possivelmente, a professora não tenha realizado atividades de leitura desse gênero na sala de aula. Talvez, ainda, por ignorar “que a leitura de crônicas pode se configurar como estratégia extremamente adequada a uma metodologia do ensino de leitura” (MARQUESI, 2005, p. 35).

Pelo que expressaram as falas dos alunos, supomos que os docentes não haviam enfatizado autores que escrevem crônicas, ou seja, não haviam destacado os cronistas autores dos textos lidos em sala de aula. Talvez isso tenha acontecido por se tratar de um gênero que ainda não tem, na escola, a mesma acolhida concedida ao conto e ao romance, cujos autores (alguns deles também cronistas) são lembrados na ocasião em que são desenvolvidas práticas de leitura estimuladas por um de seus escritos.

A respeito do cronista, é importante lembrar que ele, tal qual um narrador de histórias, vale-se de sua experiência para contar e comentar fatos históricos com base em lembranças do que foi vivido, como ressalta Monteiro (2011). Desse modo, trabalhar vida e obra de um cronista torna-se importante para a construção do conhecimento relacionado aos fatos históricos e sociais de variadas épocas, precisamente do tempo do qual o cronista faz parte.

As falas dos alunos das duas instituições particulares de ensino permitiram-nos observar que, à época da entrevista, a prática leitora deles não ia muito bem; apenas um estudante da escola B1 informou já ter lido alguns livros, especialmente livros espíritas. Outro informante dessa mesma instituição alegou que, cotidianamente, realizava apenas leitura para estudos; segundo ele, era durante as férias que exercitava outras formas de leitura. Em relação às respostas dos estudantes da escola B2, as leituras por eles praticadas também se apresentavam, preferencialmente, voltadas à aprendizagem dos conteúdos escolares.

Partindo de uma comparação entre as informações colhidas com os estudantes entrevistados das quatro instituições de ensino, deduzimos que foram os das escolas públicas, notadamente da escola A1, que demonstraram realizar mais atividades de leitura, em especial as leituras literárias.

Ao nos referirmos às falas desses informantes, concernentes ao conhecimento que tinham sobre a crônica, evidenciamos que eles não sabiam o que é uma crônica, apesar de, certamente, já terem lido exemplares desse gênero. Assim, julgamos tratar-se de um gênero frequente nas atividades de leitura propostas pelo livro didático ao longo da vida

escolar, mas que não foi explicitamente abordado pelo professor como gênero textual, precisamente durante os últimos anos do Ensino Fundamental e no primeiro ano do Ensino Médio, série na qual os alunos entrevistados encontravam-se à época da coleta dos dados.

Além disso, diferentemente das instituições de ensino público, as instituições particulares permanecem distantes de programas do governo voltados ao incentivo à leitura de alguns gêneros – a exemplo da crônica e do artigo de opinião – realizando elas próprias seus procedimentos e conteúdos de ensino, geralmente objetivando preparar os alunos para o processo seletivo do vestibular.

Outro questionamento direcionado aos alunos que participaram da entrevista foi se o professor de Língua Portuguesa trabalhava com crônicas na sala de aula. Mediante as falas dos discentes, foi possível deduzir que a crônica não era um gênero trabalhado nas salas de aula das escolas particulares a partir da noção de gênero textual ou discursivo. Ademais, as informações passadas pelos discentes revelaram que os professores ainda não haviam descoberto o potencial pedagógico, humanístico e discursivo da crônica enquanto gênero propiciador da leitura significativa na escola.

A entrevista também revelou que os respondentes das duas escolas particulares, semelhantemente aos das entidades de ensino público, do mesmo modo participantes desta pesquisa, não lembravam nenhum importante cronista brasileiro, ou seja, de um “[...] comunicador das nuances, do grotesco, do inútil, das diferenças e permanências que estão nos espaços da vida dos seres humanos, nas suas dores, nos seus instantes, nos seus sonhos”, segundo as palavras de (TONELLI, 2004, p. 10). Assim, entendemos que o autor de cada crônica lida na sala de aula necessita ser apresentado e estudado como se costuma fazer com autores de gêneros trabalhados e discutidos com maior frequência no espaço escolar, tal qual o poema, o conto e o romance.

10 Considerações finais

Este artigo é parte de uma pesquisa que teve como propósito conhecer, especialmente, a contribuição do gênero crônica para a motivação da prática escolar da leitura entre alunos do primeiro ano do Ensino Médio de quatro escolas localizadas em cidade do interior de Alagoas. Duas das referidas escolas pertencem à rede pública estadual, e as outras duas à rede particular.

Para a realização da pesquisa, o acolhimento e a participação dos alunos de turmas do primeiro ano do Ensino Médio das quatro escolas, onde este trabalho foi

desenvolvido foram de extrema importância para a obtenção dos dados aqui apresentados.

Uma das questões suscitadas pela pesquisa evidenciou que, entre as escolas públicas e as escolas particulares, é nas primeiras onde há maior permissão para que o professor possa desenvolver atividades de leitura voltadas a gêneros diversificados. Nesse sentido, temos como exemplo a crônica, objeto da nossa pesquisa que, segundo os dados coletados, tem sido mais trabalhada nas instituições públicas, ainda que de forma incipiente.

Vale lembrar, pois já foi mencionado ao longo deste trabalho, que o próprio Ministério da Educação e Cultura tem se encarregado de estimular as escolas públicas a trabalharem com gêneros diversificados, propícios para cada série da segunda etapa da educação básica, como foi o caso da crônica, direcionada para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Ainda assim, os jovens entrevistados revelaram não lembrarem de ter lido uma crônica interessante na escola e, igualmente, fora dela. Uma possível justificativa para esse dado talvez esteja relacionada a certa limitação de crônicas lidas na escola, as quais, provavelmente, não tenham abordado assuntos de interesse do jovem leitor, ou as atividades de leitura não foram devidamente mediadas no sentido de torná-las relevantes.

Os dados colhidos revelaram a contribuição significativa que a crônica pode dar à prática da leitura na escola; no entanto, trata-se de um gênero que fora relativamente pouco lido nas salas de aula do Ensino Médio onde se realizou esta pesquisa, principalmente nas escolas particulares. As informações dos alunos demonstraram que o trabalho com a leitura nessas escolas particulares voltava-se, preferencialmente, aos textos dissertativos. Conforme expressamos, ao longo da análise dos dados, essa preferência possivelmente esteja relacionada à forte presença desses textos nos exames vestibulares.

Portanto, buscar meios eficazes para atrair os jovens à leitura precisa ser a meta principal do ensino de Língua Portuguesa. Assim, a crônica atende a essa necessidade porque é um gênero agradável e, seja lírica ou engraçada, é atrativa ao aluno, atendendo às suas expectativas iniciais de leitura e, posteriormente, estimulando-o à leitura de outros gêneros.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute. **O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar**. Revisão científica João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENDER, Flora Christina. *Teoria*. In: BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio et. al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FRANCHETTI, Paulo Elias Allane; PECORA, Antônio Alcir Bernardez. **Rubem Braga: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAURITO, Ilka Brunhilde. *História*. In: BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, Alcir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MARIA, Luzia de. *Leitura & colheita: Livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUESI, Sueli Cristina. Lendo crônicas: perspectivas para a formação de leitores críticos. In: ANDRADE, Carlos Augusto B.; ROSSATTO, Edson (Org.). **Prática de escrita: a crônica - um estímulo à percepção e à criatividade**. São Paulo: Andross, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. Crônica literária: um gênero e sua tradição. In: GOMES, João Bosco Figueiredo; OLIVEIRA, Risleide Rosa Freire de; ARAÚJO, Silvano Pereira de. (Org.). **Práticas linguageiras, literatura e ensino**. Mossoró: Edições UERN, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. Reflexões sobre a crônica na literatura brasileira. In: CAVALIERE, Ricardo (Org.). **Entrelaços entre textos**: miscelânea a Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTOS, Leonor Werneck dos. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, Kátia; BECHER, Sílvia; FRANCO, Claudio (Org.). **Ensino médio: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual**: concepção sócio-retórica. Maceió: EDUFAL, 2005 a.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura**: suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005b.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Ateliê de crônicas & portfólio. **Leitura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL**, v. 42 p. 237-249, 2009.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2004.

TONELLI, Regina de Oliveira. A desfronteirização do gênero crônica na comunicação contemporânea. 2004. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2004.